

A REJEIÇÃO A BARACK OBAMA E A CRESCENTE INFLUÊNCIA DA ULTRADIREITA NO PARTIDO REPUBLICANO (2008-2016)

THE REJECTION TO BARACK OBAMA AND THE GROWING INFLUENCE OF THE FAR-RIGHT IN THE REPUBLICAN PARTY (2008-2016)

DOI: 10.29327/252935.15.1-4

André Mendes Pini¹

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
Universidade Estadual da Paraíba
João Pessoa - Paraíba – Brasil

Guilherme Frizzera²

Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança
Centro Universitário Internacional UNINTER
Curitiba - Paraná – Brasil

Resumo: Ao longo das primeiras décadas do século XXI, o Partido Republicano passou por uma mudança substancial à medida que começou a abraçar com mais firmeza ideologias e figuras de ultradireita. Esta transformação tornou-se evidente com a escolha de Donald Trump nas primárias de 2016 e a sua subsequente eleição como Presidente. Embora essa trajetória seja multicausal, este artigo pretende elucidar como a rejeição de Barack Obama desempenhou um papel fundamental na crescente influência da ultradireita dentro do Partido Republicano. O argumento central apresentado neste artigo é que a rejeição de Obama, motivada por considerações raciais, catalisou a convergência do Partido Republicano em torno de agendas de ultradireita. O que diferencia este estudo é o uso inovador da metodologia de process-tracing para descobrir os mecanismos causais por trás dessa transformação. A partir da determinação da radicalização republicana enquanto a variável dependente identificou-se três atores fundamentais que influenciaram nesse processo: a. Os Paleoconservadores; b. Donald Trump, e c. O *Tea Party*. A atuação conjunta desses três atores foi responsável pela incorporação de agendas nativistas, xenófobas e autoritárias ao Partido Republicano, contribuindo para o processo de aproximação à ultradireita.

Palavras-Chave: Partido Republicano; Ultradireita; Donald Trump.

Abstract: Throughout the early decades of the 21st century, the Republican Party underwent a substantial shift as it began to more firmly embrace far-right ideologies and figures. This transformation became evident with the selection of Donald Trump in the 2016 primaries and his subsequent election as President. While this shift had multiple contributing factors, this article aims to elucidate how the rejection of Barack Obama played a pivotal role in the increasing influence of the far-right within the Republican Party. The central argument posited here is that the rejection of Obama, driven by racial considerations, catalysed the convergence of the Republican Party around far-right agendas. What sets this study apart is its innovative use of the process-tracing methodology to uncover the causal mechanisms behind this transformation. By identifying Republican radicalisation as the dependent variable, three key actors emerged as instrumental in this process: a. Paleoconservatives; b. Donald Trump, and c. The Tea Party. The coordinated efforts of these three actors were responsible for incorporating nativist, xenophobic, and authoritarian agendas into the Republican Party, ultimately contributing to its alignment with the far-right.

¹ andrepini@gmail.com
Orcid: 0000-0003-4038-9607

² guilherme.l@uninter.com
Orcid: 0000-0003-3896-5804

Key-words: Republican Party. Far-right. Donald Trump.

Recebido: 16/10/2023

Aprovado: 10/11/2023

Introdução

A eleição de Donald Trump representou uma inflexão importante na política estadunidense, principalmente porque consolidou uma mudança substancial nas diretrizes do Partido Republicano (GOP³). O artigo analisa, portanto, como a rejeição a Obama influenciou na incorporação de ideias e valores de ultradireita ao GOP, aplicando a metodologia de *process-tracing* de modo a identificar as variáveis responsáveis por essa guinada e seus mecanismos causais.

A pergunta de pesquisa que orienta a elaboração do artigo é “Como a rejeição a Barack Obama contribuiu para a influência da ultradireita no Partido Republicano?”. O argumento apresentado é que a eleição de Barack Obama possibilitou a convergência das agendas do Partido Republicano com pautas raciais, nativistas, xenófobas e autoritárias em meio a um vácuo de liderança política associada ao movimento conservador.

Com a ascensão de Barack Obama no jogo político estadunidense e seus sucessivos mandatos frente à Casa Branca, três atores destacam-se como responsáveis pelo processo de radicalização do GOP: a. O movimento conservador, a partir da convergência de suas alas libertárias e religiosas em torno de uma perspectiva comum de rejeição a Obama sob agendas de ultradireita por meio do chamado Paleoconservadorismo; b. o *Tea Party*, movimento heterogêneo e de caráter nacional que tem em sua origem explicitamente o antagonismo a Barack Obama, representando uma inflexão na composição do GOP a partir da demanda do movimento por maior radicalização, em um processo que, paulatinamente, alijou setores moderados do partido c. Donald Trump, que liderou uma campanha de deslegitimação a Obama a partir do questionamento acerca do seu local de nascimento, o que ficou conhecido como Movimento *Birther*.

A partir da ação e da interação entre esses atores, o sentimento anti-Obama passou a incorporar temas como a rejeição ao pluralismo sociocultural, o nativismo, e concepções identitárias vinculadas às populações brancas, temas que contribuíram para a associação do GOP à ultradireita.

³Sigla referente ao termo *Grand Old Party* e associada ao Partido Republicano.

Toma-se o conceito de ultradireita no presente trabalho a partir da definição de Mudde (2000), e da tradução do termo *far-right*, que se adequa às características dessa ideologia no espectro político dos EUA. O conceito de ultradireita abrange gradações distintas que variam desde a direita radical até a extrema-direita, sendo o principal elemento que distancia esses dois movimentos a aceitação – ou não - dos princípios democráticos e do uso da violência na política (Mudde, 2018; Jüpskas & Leidig, 2020). A ultradireita, em sentido amplo, é definida como sendo composta por movimentos – violentos ou não violentos – com, ao menos, três dos seguintes elementos: nacionalismo, racismo, xenofobia, anti-democracia e autoritarismo (Mudde, 2000).

Metodologicamente, faz-se necessário, de início, justificar o recorte temporal do artigo, tendo em vista que a ultradireita estadunidense tem um amplo legado histórico na política do país. O artigo delimita sua análise a partir da eleição de Barack Obama, de modo a incorporar as dinâmicas contemporâneas de crescimento da ultradireita global a partir do que Mudde (2018) caracteriza como Quarta Onda de ascensão da ultradireita, cujos marcos fundamentais são o 11 de Setembro e a crise econômica de 2008.

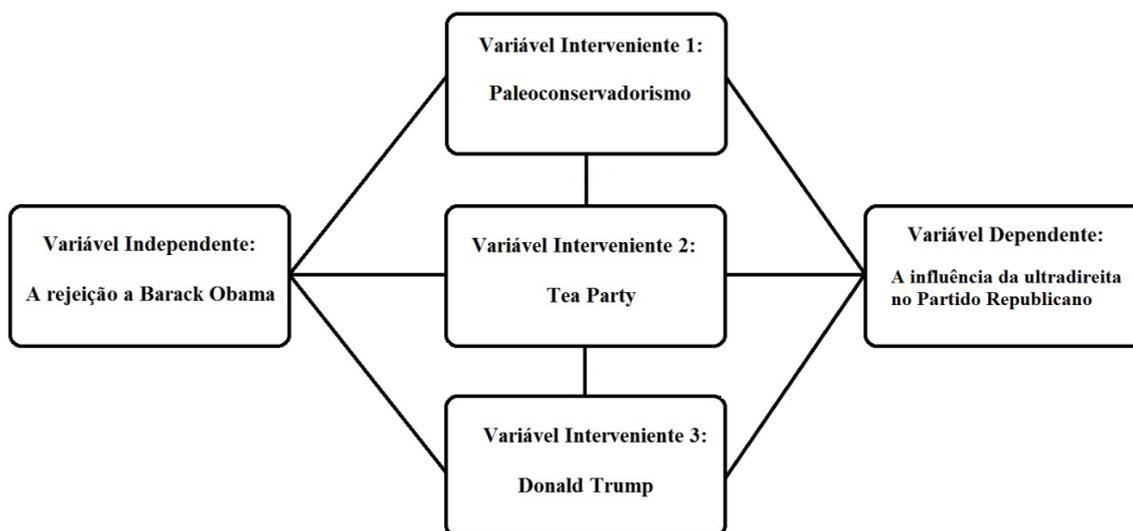
O limite temporal da análise é a vitória eleitoral de Donald Trump, uma vez que esse é um marco na consolidação republicana como um partido alinhado à ultradireita. Deve-se ter em mente também que a delimitação do desenho de pesquisa não pretende elucidar todas as variáveis que compõem o processo de incorporação da ultradireita ao GOP, buscando compreender exclusivamente como esse processo foi influenciado por um elemento em particular: a rejeição a Obama. Esse é o escopo do artigo e também a sua limitação.

A metodologia utilizada no artigo é o *process-tracing*, que permite articular diferentes fatores causais na análise de fenômenos sociais complexos e historicamente delimitados (Beach & Pedersen, 2013). A ferramenta utilizada na pesquisa foi a variante do *process-tracing* de explicação de resultados (do inglês, “*Explaining-Outcomes Process-Tracing*”), que busca determinar uma explicação minimamente suficiente a partir da determinação das causas de um resultado (*outcome*) particular em um caso único (Beach & Pedersen, 2013).

Assim, buscou-se estabelecer a cadeia causal da pesquisa a partir da influência da ultradireita no GOP enquanto variável dependente, sendo o *outcome* a ser analisado. A partir da pergunta de pesquisa, a variável independente é a rejeição a Barack Obama. O trabalho

visa identificar mecanismos causais intervenientes que impactaram na variável dependente, levando ao esboço da cadeia causal demonstrada na Figura 1.

Figura 1: A Cadeia Causal do artigo.



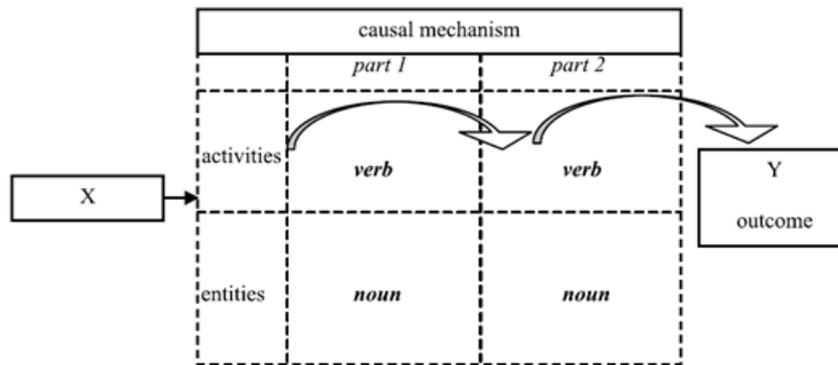
Fonte: Os Autores.

A Figura 1 demonstra que os mecanismos causais intervenientes identificados ao longo da pesquisa são a. O Paleoconservadorismo; b. O *Tea Party* e c. Donald Trump. Compreende-se que essas variáveis se conectam e contribuem, conjuntamente, para o processo de radicalização do GOP, o que insere a pesquisa no âmbito da nova metodologia qualitativa, uma vez que não tem como objetivo mensurar o efeito de cada variável interveniente na variável dependente de maneira isolada, mas sim analisar os seus efeitos combinados (Beach & Pedersen, 2013).

Para se compreender a maneira pela qual os mecanismos causais estabelecem as relações entre a variável independente e a variável dependente, recorre-se à abordagem de Beach e Pedersen (2013), que auxilia na representação visual desse processo. Cada parte do mecanismo causal é composto por entidades que desempenham atividades, sendo elas as produtoras de mudanças. Entidades podem ser atores como indivíduos, grupos, Estados, partidos políticos, sendo apresentados por meio de substantivos, já as atividades são demonstradas a partir de verbos que expressem a causalidade das forças sobre o mecanismo, como demonstra a Figura 2. A análise do artigo recai nas ações e nas atividades que

transmitem força causal para gerar o efeito/resultado observado. As seções 2, 3 e 4 do artigo, portanto, buscam construir esse raciocínio.

Figura 2: A representação de um mecanismo causal.



Fonte: Beach e Pedersen (2013, p. 50).

A estrutura do artigo faz referência ao desenho da pesquisa e ao mecanismo causal identificado. A primeira seção aborda a variável dependente, apresentando o debate acerca da influência da ultradireita no Partido Republicano ao longo do século XXI. Em segundo, abordam-se as variáveis intervenientes a partir de suas relações com a variável independente, iniciando pelo movimento Paleoconservador, contextualizando sua reestruturação em torno da rejeição a Obama como catalisador da incorporação de agendas de ultradireita ao movimento conservador.

A seguir, aborda-se o *Tea Party* e seu surgimento como uma resposta direta à eleição de Obama, sendo cooptado por parcelas influentes do movimento conservador e, conseqüentemente, do GOP. Por fim, apresenta-se o início da trajetória política de Donald Trump, cujo foco foi o antagonismo direto a Obama a partir, sobretudo, de um papel de liderança exercido perante o Movimento *Birther*, que se utilizava de desinformação para divulgar a tese que Barack Obama não havia nascido em solo estadunidense, e, por isso, não teria legitimidade enquanto Presidente

1. A crescente influência da ultradireita no Partido Republicano

A partir da definição de Mudde (2000), que determina que a ultradireita é composta por elementos como: nacionalismo, racismo, xenofobia, nativismo e autoritarismo, considera-se

que, a partir da nomeação de Trump nas primárias de 2016 e sua eleição como Presidente, o GOP se consolida como um partido que incorpora, aceita e reflete ideais de ultradireita (Mudde, 2018; Tarrow, 2021; Fukuyama, 2018). A presente seção apresenta a revisão da literatura acerca dessa temática para corroborar a apresentação do problema de pesquisa do artigo.

Desde a década de 1980 o Partido Republicano adotara como paradigma ideológico e programático a agenda de Ronald Reagan, que era focada, sobretudo, em bandeiras econômicas, como o livre mercado, menor regulamentação estatal e menos impostos, além de uma política de imigração relativamente aberta (Fukuyama, 2018). No entanto, a crescente influência da ultradireita no partido levou os Republicanos a se tornarem mais sensíveis a questões como a identidade branca e aos valores evangélicos, gerando um processo de radicalização (Benkler, Faris & Roberts, 2018).

O GOP do início do século XXI, assim, converteu-se num partido vinculado a aspectos raciais brancos e ao ressentimento desse estrato populacional perante os crescentes fluxos de imigração para a composição racial, social, econômica e cultural dos EUA (Fukuyama, 2018).

No contexto da ampla polarização político-partidária nos EUA ao longo do século XXI, há uma crescente cisão e distanciamento entre republicanos e democratas a partir de questões raciais, ideológicas e culturais (Rudolph, 2019; Pierce & Lau, 2019; Abramowitz, 2022, Shor & McCarty, 2022). Jacobson (2016) aponta que os principais temas que evidenciam as diferenças entre Democratas e Republicanos ao longo das últimas décadas são o papel e tamanho do Estado e temas sociais, como aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, imigração, raça e controle de armas.

Essa cisão crescente entre republicanos e democratas tem como causa e também como efeito um sentimento amplo de rejeição dos eleitores perante o partido oposto maior do que o de identificação com o partido favorito, fenômeno identificado como “partidarismo negativo”, ou *negative partisanship*, em inglês. (Abramowitz & Webster, 2015; Abramowitz & McCoy, 2019).

O eleitorado reflete essa tendência, unificando seus votos em um único partido para todos os cargos, levando o chamado *ticket-splitting* (isto é, termo utilizado para designar eventuais eleitores que dividiam seus votos entre diferentes partidos de acordo com o cargo) a seu menor nível histórico (Abramowitz, 2022). Com efeito, mesmo em um país de dimensão

continental e de singularidades regionais flagrantes, a política partidária nos EUA é muito influenciada por figuras proeminentes nacionalmente e, em especial, a figura do Presidente (Abramowitz, 2022).

Webster (2020) argumenta que o estímulo à rejeição e ao desenvolvimento de sentimentos negativos perante a oposição na política estadunidense tem como resultado a associação de filiações partidárias com identidades raciais, étnicas, culturais e ideológicas (Webster, 2020). De fato, nos EUA os padrões eleitorais recentes implicam em escolhas pautadas por identidades sociais e lealdades partidárias, com uma tendência flagrante de os eleitores ajustarem suas visões políticas e até mesmo suas percepções de questões básicas para corresponder a essas lealdades (Achen & Bartels, 2016).

Apesar de a polarização da política partidária dos EUA resultar, de fato, em partidarismos negativos e distâncias crescentes nas agendas de democratas e republicanos, deve-se ter em mente que esse processo possui uma característica assimétrica que deve ser ressaltada para os fins do presente artigo. Demonstra-se, nesse sentido, que os eleitores e os políticos Republicanos vêm-se tornando, gradualmente, mais radicais, enquanto essa mesma tendência não é encontrada, proporcionalmente, perante aqueles identificados com o Partido Democrata (MacWilliams, 2016; Iyengar, 2016; Benkler, Faris & Roberts, 2018; Shor & McCarty, 2022).

Isso pode ser observado ao perceber que, no Partido Democrata, a ala mais à esquerda, representada por Bernie Sanders, perdeu espaço para candidatos mais moderados, como o caso de Hillary Clinton em 2016, e, no Partido Republicano, moderados como Jeb Bush perderam fôlego no início das primárias do partido, levando Trump a concorrer pela nomeação contra Ted Cruz, outro político considerado de ultradireita.

Percebe-se, assim, que a crescente influência da ultradireita no GOP se vincula a um panorama global de ascensão dessa corrente política, cuja característica principal é a normalização de ideais de ultradireita no jogo político e partidário (Mudde, 2018). O Partido Republicano, que, historicamente, associava-se à agenda conservadora tradicional, excluía e não dava espaço para vozes mais radicais, situação que se alterou em meio às eleições de 2016, o que fica claro ao se avaliar as primárias e as plataformas políticas de ultradireita não apenas de Trump, como também de candidatos como Ben Carson e Ted Cruz (Mudde, 2018).

Tarrow (2021) argumenta que, na política estadunidense, há um movimento aparentemente contraditório se formando nas últimas décadas, no qual o crescente partidarismo (do inglês, *partisanship*, ou seja, uma tendência deliberada em favor de certa causa, equivalente a um sectarismo) é justaposto a um enfraquecimento dos partidos políticos em si. Esse enfraquecimento teria levado o GOP a ser tomado por movimentos e grupos radicais que trouxeram consigo agendas convergentes com a ultradireita (Tarrow, 2021). A próxima seção, portanto, busca demonstrar a relação do movimento conservador com esse processo de radicalização republicano, tendo a rejeição a Obama como variável principal de análise.

2. A influência do Paleoconservadorismo

Avalia-se na presente seção a primeira variável interveniente que conecta a rejeição a Barack Obama à variável dependente da pesquisa: a convergência do movimento conservador com agendas de ultradireita a partir da influência do Paleoconservadorismo. Assim, demonstra-se que seriam os Paleoconservadores os responsáveis por conectar as pautas da ultradireita às agendas republicanas, como ideais anti-imigração, raciais, xenófobos, supremacistas e nativistas (Hawley, 2017; Lyons, 2017; Ashbee, 2019; Bartee, 2019). O Paleoconservadorismo foi importante no processo de radicalização republicano por representar um movimento histórico nos EUA, com lastro político e social, capaz de exercer influência tanto no *Tea Party* quanto em Donald Trump.

O Partido Republicano passou a ser identificado, nacionalmente, com o movimento conservador a partir da década de 1960 (Nash, 1996). Nesse período, o anticomunismo conservador atraiu um perfil de características urbanas e seculares, que receberiam a alcunha de “Neoconservadores” (Nash, 1996, Bartee, 2019). A parcela mais religiosa do movimento, por sua vez, foi denominada de Paleoconservadora (cujos representantes serão aqui denominados “Paleocons”) em oposição aos Neocons (ou Neoconservadores), pregando uma herança vinculada à “*Old Right*” do sul dos EUA da década de 1930 e o Macarthismo do início da Guerra Fria (Drolet & Williams, 2019). Saliente-se que *Old Right* foi um Movimento contrário ao *New Deal*, por ser associado a plataformas de esquerda, e simpático ao nazismo e fascismo, devido a uma crença enraizada em supostas conspirações de judeus e ingleses (Lyons, 2017).

Essa heterogeneidade conservadora gerou cisões dentro do movimento, com os Paleocons rejeitando a ala Neoconservadora devido às suas posições seculares e às suas origens predominantemente judias e católicas, além de seu histórico de origem em movimentos intelectuais associados à esquerda e aos valores liberais (Lyons, 2017).

Os Paleocons representam, portanto, o conservadorismo radical, que parte da premissa que as instituições estão degeneradas, sendo necessário reestruturá-las de modo reacionário, ao contrário do conservadorismo tradicional, que tem como objetivo preservar a ordem do status quo, fortalecendo a autoridade das instituições estabelecidas (Drolet & Williams, 2019).

Essas diferenças ficaram explícitas com a rivalidade entre Neocons e Paleocons. O argumento dos Paleoconservadores era que os Neoconservadores estavam condenando ao ostracismo os conservadores radicais dentro de seu próprio movimento, sendo um grupo moralmente e politicamente degenerado (Drolet & Williams, 2019).

O Paleoconservadorismo deve ser compreendido como a ala do movimento estadunidense, como o nacionalismo de cunho racial que prioriza a identidade branca (Mudde, 2018; Lyons, 2017; Ashbee, 2019). A questão migratória e suas repercussões demográficas também foram frequentes na retórica Paleoconservadora, que se preocupava, especialmente, com os fluxos de hispânicos em direção aos EUA, encarando a imigração mexicana em particular como “um novo chauvinismo étnico” e um perigo à identidade Ocidental estadunidense (Ashbee, 2019).

A década de 1980 marcou a solidificação da dimensão conservadora tradicional do GOP, ao consolidar o voto do eleitorado protestante no Partido Republicano, o que ficou evidenciado nas eleições de Reagan (Nelson, 2019). Tarrow (2021) afirma que foi a cooptação dos cristãos conservadores ao Partido Republicano que ofereceu uma base social robusta ao movimento conservador. No entanto, apesar da ampla mobilização do eleitorado religioso, em especial, o evangélico, o governo Reagan foi marcado pelo foco em questões econômicas relacionadas às pautas do eixo libertário do movimento conservador, frustrando parcelas importantes dos cristãos conservadores e dos Paleocons (Nash, 1996).

O fim da Guerra Fria e a conseqüente dissolução da URSS enfraqueceriam a coesão do movimento conservador a partir do esgotamento da perspectiva anticomunista, que oferecia uma bandeira comum ao conservadorismo (Nash, 1996). Assim, a heterogeneidade conservadora ficaria mais flagrante, o que reverberou, conseqüentemente, no Partido

Republicano (Hawley, 2017). Isso fica explícito ao se analisar a desfiliação de lideranças Paleoconservadoras importantes do GOP, como Pat Buchanan e Paul Gottfried, devido aos ressentimentos com a falta de representação de seus ideais pelas administrações republicanas (Ashbee, 2019).

A crise do movimento conservador dos EUA também foi potencializada pela trajetória de radicalização do movimento tradicionalista da direita religiosa, que, paulatinamente, passou por um processo de aceitação e incorporação de ideais autoritários, antidemocráticos e xenófobos, resultando em uma aproximação aos Paleocons (Nelson, 2019) O ressentimento com relação ao *mainstream* do Partido Republicano era um eixo comum entre tradicionalistas radicais e Paleoconservadores. Isso era resultado da percepção que o *establishment* do GOP foi, recorrentemente, incapaz de frear o avanço de tendências progressistas nos campos sociais, políticos, culturais e econômicos dos EUA ao longo do século XX (Mudde, 2018).

Ao passo que Paleocons se ressentiam com relação às políticas imigratórias conduzidas tanto por democratas quanto por republicanos, os tradicionalistas se incomodavam com a omissão do GOP de incorporar valores religiosos cristãos de maneira mais densa nos programas de governo que essa direita religiosa ajudara a eleger, como fora com Reagan (Montgomery, 2012).

De fato, a questão racial foi fundamental no processo de incorporação de valores de ultradireita ao GOP, sendo os Paleocons protagonistas nesse processo. Neiwert (2017, p. 8) corrobora esse argumento: *“The idea of a black man, let alone a liberal one, as president made them recoil in visceral disgust [...] And it was in that shared hatred that the extremist and mainstream right finally cemented their growing alliance”*.

Abramowitz (2012, p. 2) complementa: *“Obama’s mixed racial heritage and racial minorities that supported him in 2008 all contributed to a powerful negative reaction on the Republican Party and perhaps among whites who were simply upset about having a black man in the White House”*. O Quadro 1 busca demonstrar os mecanismos causais que conectam o Paleoconservadorismo à radicalização republicana.

Quadro 1: Mecanismo causal que conecta Paleoconservadores à radicalização republicana a partir da rejeição a Obama

Mecanismo Causal 1

	Parte 1	Parte 2
Atividade: Convergência com radicais religiosos e exploração de ressentimentos raciais.	Aproximam-se de alas religiosas tradicionalistas a partir de ressentimentos raciais, religiosos, culturais e sociais direcionados tanto aos liberais quanto aos conservadores tradicionais	Disputam a legitimidade de representação do conservadorismo no Partido Republicano, introduzindo perspectiva de ultradireita à agenda do GOP.
Entidade: Paleoconservadores		

Fonte: Elaboração dos Autores.

Argumenta-se, assim, que Barack Obama ofereceu o principal ponto de convergência para ultradireita estadunidense no século XXI, pois a oposição a ele galvanizava toda a miríade de ressentimentos que esses movimentos acumulavam historicamente: além do racismo contra um Presidente negro, havia também o desprezo às pautas liberais-progressistas e ao Partido Democrata, a decepção com o Partido Republicano e com o movimento conservador.

Nesse sentido, a partir da rejeição ampla a Barack Obama, o movimento conservador tradicional converge suas pautas com alas radicais do conservadorismo, como os Paleocons, passando a incorporar, paulatinamente, agendas de ultradireita.

3. A ascensão do *Tea Party*

A partir da eleição de Obama, surgiu no cenário nacional estadunidense um novo movimento político de características heterogêneas que influenciaria na composição ideológica republicana: o *Tea Party*. Esse movimento emerge a partir da oposição direta ao recém-eleito Obama, sendo uma variável importante ao longo desse processo de incorporação de ideais da ultradireita ao GOP (Trost & Rosenthal, 2012; Abramowitz, 2012; Burghart, 2012; Conley, 2018).

Diferentemente dos Paleoconservadores, que representavam um movimento de ultradireita histórico e organizado, o *Tea Party* surgiu a partir de uma mobilização política e social espontânea, fragmentada e heterogênea, tendo como catalisador comum a rejeição a Barack Obama (Maxwell & Parent, 2012). Trost e Rosenthal (2012) destacam que os apoiadores do *Tea Party* se preocupavam com o que consideravam gastos públicos excessivos propostos por Obama, além de sua disposição de interferir em liberdades individuais, como o acesso a armas de fogo, o que supostamente estaria levando os EUA ao socialismo na percepção desse grupo.

Lo (2012) aponta que, conforme o *Tea Party* adquiriu projeção nacional, suas vertentes regionais ganharam autonomia. No entanto, após uma organização inicial espontânea e popular, a direita conservadora estadunidense percebeu no movimento um potencial disruptivo importante, passando a financiá-lo e, conseqüentemente, influenciá-lo com suas pautas: “*Supporting the Tea Party movement is a multimillion dollar complex that includes for-profit corporations, nonparty nonprofit organizations, and political action committees. [...] They have resuscitated the ultraconservative wing of American political life*” (Burghart, 2012, p. 2).

Esse processo consolidou o movimento e sua eventual associação aos quadros partidários do Partido Republicano, ajudando a impulsionar seu processo de incorporação de agendas e valores de ultradireita. Trost e Rosenthal (2012) salientam o papel do *Tea Party* nesse processo, demonstrando que o movimento incorporou ao GOP temas considerados, anteriormente, muito “radicais” e que haviam anteriormente sido responsáveis pelo distanciamento dos Paleocons do partido, o que demonstra a abertura de um espaço para a reaproximação Paleoconservadora de um Partido Republicano simpático às suas agendas.

Tarrow (2021) aponta que o *Tea Party* se tornou um movimento heterogêneo, composto tanto por uma base social espontânea, pautada por ressentimentos raciais, apelo religioso, conspiracionismo e sentimentos anti-imigração, quanto por organizações robustas que patrocinavam o grupo nas dimensões regionais e buscavam influenciá-lo a consolidar pautas libertárias referentes a um conservadorismo fiscal. A direita religiosa tradicionalista e suas instituições são paradigmáticas desse processo, se mantendo atentos à ascensão do *Tea Party*, cujas características inicialmente eram mais próximas aos libertários, e buscando maneiras de cooptar e influenciar esse movimento a partir de suas concepções religiosas, como o *Tea Party Patriots* (Montgomery, 2012).

Percebe-se, portanto, que, por meio do *Tea Party*, os tradicionalistas religiosos e os libertários que compunham o movimento conservador no século XX voltam a convergir em uma agenda comum, o que fora fundamental para o crescimento de sua influência ao longo do século XX. A opção do *Tea Party* e da ala mais radical do movimento conservador por atuar dentro do Partido Republicano, de modo a se contrapor às alas mais moderadas, foi uma decisão pragmática, tendo em vista o histórico de fracassos eleitorais de setores radicais que

tentaram se mobilizar por meio de uma terceira via no jogo político partidário dos EUA (Skocpol & Williamson, 2012).

A percepção, portanto, de lideranças radicais influentes no *Tea Party* seria que canalizar esse movimento a um eventual novo partido político apenas os enfraqueceria politicamente, sendo mais viável a busca por influência no seio do Partido Republicano (Skocpol & Williamson, 2012). Essa questão é fundamental para se compreender, portanto, a penetração de ideais radicais de ultradireita no GOP.

Da mesma maneira pela qual o anticomunismo fora a cola que unira libertários e tradicionalistas ao longo da Guerra Fria, a radicalização da vida política estadunidense ao longo do século XXI foi capaz de consolidar Obama – e toda agenda liberal que ele representa – como o novo antagonista de um movimento conservador cada vez mais radicalizado.

Com efeito, Barack Obama teria sido o gatilho para a consolidação dessa tendência, sendo o *Tea Party* sua representação objetiva. No entanto, se o anticomunismo do século XX oferecera um denominador comum ao movimento conservador, determinando o ponto de encontro de libertários e tradicionalistas em um tom moderado, ao longo do século XXI essas duas correntes se encontrariam mais à direita e em perspectivas mais radicais. O Quadro 2 demonstra esse mecanismo causal.

Quadro 2: Mecanismo causal que conecta o *Tea Party* à radicalização republicana a partir da rejeição a Obama.

Mecanismo Causal 2		
	Parte 1	Parte 2
Atividade: Estruturação de movimento organizado nacionalmente de caráter anti-Obama	Articula cidadãos insatisfeitos com Barack Obama a nível nacional, recebendo apoio de libertários e tradicionalistas religiosos.	Converge sentimentos nativistas, supremacistas e xenófobos em plataforma política voltada a influenciar o Partido Republicano e substituir suas alas moderadas
Entidade: <i>Tea Party</i>		

Fonte: Elaboração dos autores.

Compreende-se, portanto, que o Partido Republicano se torna o lócus fundamental de reunião daqueles cuja ideologia girava em torno da oposição flagrante a Barack Obama e toda a carga simbólica e ideológica “liberal” a qual ele representava. O prisma ideológico que compôs o *Tea Party* pode ser relacionado, portanto, a concepções históricas vinculadas à ultradireita

nacionalista branca dos EUA, demonstrando que, apesar de ser um movimento “novo” na política estadunidense, ele incorporou características consolidadas da ultradireita do país.

A próxima seção desenvolve essa trajetória do GOP a partir da ascensão de Donald Trump como um ator político que supriu a carência de lideranças do *Tea Party* e liderou o movimento de contestação à legitimidade de Obama.

4. Donald Trump e o Movimento *Birther*

A incorporação de ideias e valores de ultradireita ao Partido Republicano é um processo multicausal que teve como um de seus fundamentos a ampla rejeição a Barack Obama. Se o *Tea Party*, por um lado, ajudou a impulsionar o processo de radicalização do Partido Republicano, por outro, não foi capaz de alavancar uma liderança com projeção nacional que fosse capaz de rivalizar com Barack Obama ao longo das eleições de 2012.

Apesar disso, o processo de radicalização republicana havia sido impulsionado pelo movimento, o que era flagrante a partir dos expurgos dos políticos mais moderados de seus partidários em diversos estados dos EUA, sobretudo no sul e no meio-oeste (Nelson, 2019). Grossman e Hopkins (2016) apontam a tendência de imposição de uma unicidade ideológica nos quadros do GOP, em que quaisquer candidatos com perspectivas moderadas e não alinhadas aos ideais crescentemente radicais, eram punidos, perdiam fundos de campanha e acabavam alijados do partido.

Skocpol e Williamson (2012, p. 155) corroboram que essa tendência ajudou a incorporar ideais de ultradireita ao GOP “*As Tea Party forces make headway in achieving this ideological purification, they spur movement of the Republican Party ever further toward the right*”. Esse processo conduziu a uma paulatina radicalização, que, eventualmente, abriu o caminho para a candidatura de Donald Trump em 2016. A presente seção demonstra que, para se compreender o papel de Trump nesse processo, deve-se atentar ao seu papel de protagonismo na rejeição a Obama.

Em meio à crise de lideranças nacionais do Partido Republicano, Donald Trump, paulatinamente, usava de sua posição enquanto um apresentador de televisão milionário para fazer oposição tanto a Barack Obama quanto ao *mainstream* do Partido Republicano, ganhando a simpatia de um eleitorado carente de representatividade pelo *establishment* do GOP (Donovan & Redlawsk, 2018). Trump, de fato, representa a solidificação do processo de

incorporação da ultradireita ao GOP, estando na raiz da rejeição a Obama ao ter papel protagonista no chamado Movimento *Birther*.

Entre 2008 e 2012, o *Birther* defendeu a ideia que Barack Obama não teria nascido em território estadunidense e, portanto, não teria legitimidade para ser Presidente dos EUA (Pham, 2015). Esse movimento surgiu no cenário político estadunidense para contestar a ascensão política de Barack Obama, sendo recorrentemente referenciado e, portanto, impulsionado pelo *Tea Party*, que se consolidava no mesmo período (Trost & Rosenthal, 2012; Pham, 2015).

A convergência entre esses movimentos advém de ambos explorarem a crescente ansiedade de parcelas do público estadunidense com relação ao que representava a eleição de um Presidente negro e liberal, o que ativou sentimentos racistas e xenofóbicos em parte da população (Pham, 2015).

O Movimento *Birther*, porém, não se restringiu às franjas conspiratórias da ultradireita dos EUA, influenciando também o conservadorismo amplamente, o que foi marcado, por exemplo, pelo espaço cedido pela tradicional publicação conservadora *National Review* ao movimento, outorgando legitimidade a essa questão e ajudando em sua disseminação perante um maior público nos EUA (Pham, 2015). Deve-se ter em vista, porém, que o *Birther* não chegou a se organizar politicamente tal qual os Paleocons e o Tea Party, embora esses grupos tenham incorporado os questionamentos à legitimidade de Obama às suas pautas.

O principal responsável pela divulgação do Movimento *Birther* foi, de fato, Donald Trump, que utilizou de sua posição midiática para outorgar visibilidade à causa. Por meio de aparições na mídia, entrevistas e publicações nas redes sociais, Trump, além de promover as suspeitas com relação ao fato de Obama não ter nascido em solo estadunidense, também ampliava e divulgava teorias da conspiração nas quais Obama era supostamente um muçulmano determinado a impor o islã aos EUA (Conley, 2018). Mesmo após Obama divulgar seus documentos que atestavam seu nascimento em solo estadunidense, Trump seguiu questionando a veracidade dessas provas (Pham, 2015).

Mesmo quando o Movimento *Birther* perdeu espaço na mídia tradicional após Obama divulgar sua certidão de nascimento, o ecossistema midiático da ultradireita dos EUA seguiu dando visibilidade a esses questionamentos, alavancando Trump a uma posição de protagonismo perante essas audiências mais radicalizadas, concentradas em mídias como o

Breitbart News e a Fox News (Green, 2017). Mudde (2018) aponta o impacto político de longo prazo do Movimento *Birther* ao identificar que, nas vésperas das eleições de 2016, metade dos eleitores do Partido Republicano de fato acreditavam que Obama não havia nascido nos EUA e 34% acreditavam que ele seria muçulmano.

Donald Trump, de fato, teria sucesso em arregimentar o eleitorado de ultradireita ao longo das primárias republicanas de 2016. A sua candidatura tomou de assalto um partido fragmentado, cuja base eleitoral se distanciara das lideranças do partido, e cujas disputas internas haviam criado um vácuo de liderança a nível nacional, que foi efetivamente preenchido por Trump (Macwilliams, 2016).

Ao passo que o *Tea Party* fora um movimento sem lideranças formais, Donald Trump personificava as ideias que defendia, oferecendo uma alternativa eleitoral, de fato, para eleitores republicanos. Essa questão é fundamental perante um cenário político de partidarismo negativo em que os eleitores do GOP, mesmo não se identificando com os representantes do *establishment* republicano, possuem sentimentos negativos maiores perante os Democratas, mantendo a fidelidade partidária (Webster, 2020).

A plataforma de Trump estabeleceu um diálogo direto com o Paleoconservadorismo, o que ficou evidente a partir dos vínculos de importantes aliados de Trump com o movimento, como Steve Bannon, seu estrategista-chefe, e Stephen Miller, seu conselheiro sênior (Drolet & Williams, 2019). A influência dos Paleocons na plataforma eleitoral de Trump ajudou a consolidar sua dimensão enquanto um *outsider* que buscava reformar o GOP por dentro, uma vez que eles também se encontravam alijados de representatividade no *establishment* republicano.

A aproximação com as pautas Paleoconservadoras permitiu que Trump abocanhasse também uma fatia do eleitorado que antes tinha a tendência de votar no Partido Democrata: os trabalhadores brancos que demandavam políticas comerciais protecionistas com vistas para salvaguardar os empregos *blue-collar* e que também eram sensíveis às pautas anti-imigração por considerarem os imigrantes como ameaças a seus empregos (Abramowitz & McCoy, 2019)

A pauta anti-imigração impulsionou a candidatura de Donald Trump em meio às primárias republicanas de 2016, representando um dos marcos da consolidação da trajetória de influência republicana em direção à ultradireita. Isso ocorre devido à retórica de Trump,

que antagonizava diretamente imigrantes latinos, negros e muçulmanos, criminalizando-os e os associando ao terrorismo.

Essa linha tênue entre a associação desses imigrantes a essas questões era o elemento final que separava o GOP da consolidação de um partido de identidade branca com contornos nativistas e xenófobos (Fukuyama, 2018). O Quadro 3 abaixo demonstra a maneira pela qual a trajetória de Trump se insere enquanto um mecanismo causal no desenho da pesquisa do artigo.

Quadro 3: Mecanismo causal que conecta Donald Trump à trajetória republicana rumo à ultradireita a partir da rejeição a Obama.

Mecanismo Causal 3		
	Parte 1	Parte 2
Atividade: Consolidação como liderança do Partido Republicano	Posiciona-se como liderança nacional do Movimento <i>Birther</i> , questionando a legitimidade de Barack Obama	Oferece plataforma eleitoral de ultradireita para representar eleitorado republicano descontente com o establishment do GOP a nível nacional.
Entidade: Donald Trump		

Fonte: Elaboração do autor.

A trajetória política de Trump, que se viabiliza a partir da liderança exercida no Movimento *Birther*, permitiu que, após sua ascensão nas primárias republicanas, ele consolidasse a representação de uma terceira via, totalmente oposta a seu antecessor, Obama, e desvinculado do *mainstream* do GOP, apesar de se candidatar por esse partido.

Nesse sentido, ele capitalizou o descontentamento tanto com relação a Obama quanto ao *establishment* do GOP, beneficiando-se de sentimentos negativos e de ressentimento, claramente estimulados pela radicalização de pautas raciais, sociais e culturais promovidas por Trump.

Conclusão

O artigo buscou evidenciar a maneira pela qual a rejeição a Barack Obama influenciou no processo de incorporação de valores e ideias de ultradireita ao Partido Republicano. A eleição de Barack Obama ofereceu ao movimento conservador um novo elemento de coesão após o

fim da Guerra Fria e o esgotamento da perspectiva anticomunista. Desse modo, a oposição a Obama se tornaria o novo ponto de contato fundamental entre as distintas correntes do movimento conservador e os conservadores radicais.

O problema, nesse sentido, é que essa rejeição trouxe consigo elementos xenófobos, racistas e nativistas, abrindo o caminho para o crescimento do movimento Paleoconservador, que ampliou sua influência na vida política e social do país e passou a ter pontos de convergência diretos com alas importantes do GOP. Tomou-se, portanto, esse processo como a variável dependente da pesquisa, e, por meio da ferramenta de *process-tracing*, buscou-se identificar os mecanismos causais intervenientes associados a três atores interconectados: Os Paleoconservadores, o *Tea Party* e Donald Trump.

O Paleoconservadorismo desempenhou a função de promover a convergência entre o movimento conservador radical e o GOP, oferecendo ao partido uma perspectiva ideológica de ultradireita com lastro histórico na política dos EUA. Demonstrou-se que os Paleocons se aproximaram de alas religiosas tradicionalistas a partir de ressentimentos raciais, religiosos, culturais e sociais direcionados tanto aos liberais quanto aos conservadores tradicionais, disputando a legitimidade de representação no Partido Republicano.

Ao *Tea Party* coube estruturar um movimento organizado nacionalmente de caráter anti-Obama. Esse movimento se articulou em nível nacional, recebendo apoio de setores radicais do movimento conservador e buscando representação política no Partido Republicano. Ao longo desse processo, sentimentos nativistas, supremacistas e xenófobos convergiram em plataformas políticas voltadas a ampliar sua influência no Partido Republicano e substituir suas alas moderadas por aquelas que representassem essas perspectivas radicais.

Donald Trump, por sua vez, se inseriu na vida política estadunidense de maneira mais direta ao se destacar enquanto liderança nacional do Movimento *Birther*, questionando a legitimidade de Barack Obama a partir da contestação de seu nascimento em solo estadunidense. Desse modo, ao concorrer em 2016 à nomeação do GOP e, posteriormente, à Casa Branca, ofereceu uma plataforma eleitoral de ultradireita para representar um eleitorado republicano descontente com o *establishment* do GOP.

Percebe-se, assim, que a representatividade histórica do Paleoconservadorismo perante o processo de radicalização do próprio movimento conservador foi fundamental para oferecer

um lastro político e social às agendas de ultradireita que viriam a influenciar tanto o *Tea Party* quanto Donald Trump.

O *Tea Party*, que tem sua mobilização diretamente relacionada à rejeição a Barack Obama, logo foi cooptado por setores radicais do movimento conservador, buscando disputar espaço em um Partido Republicano fragilizado por sucessivas derrotas eleitorais na disputa pela Casa Branca e pela crise de representatividade do movimento conservador. O *Tea Party* ajudou a impulsionar o Movimento *Birther*, que teve como principal liderança nos EUA a figura do então empresário de sucesso e celebridade multimilionária Donald Trump.

O protagonismo nessa cruzada em contestação da legitimidade a Obama representou a ascensão política de Donald Trump, que, em meio à disputa pela nomeação republicana se posicionou enquanto um *outsider* do partido, unindo forças aos Paleoconservadores que também se inseriam alheios ao establishment do GOP. As ideologias de ultradireita oriundas do Paleoconservadorismo, incorporadas inicialmente ao GOP por meio do *Tea Party*, ofereceram uma plataforma eleitoral viável a Trump, que, com sua vitória, consolidou a influência de ideias e valores de ultradireita ao Partido Republicano.

Referências

- ABRAMOWITZ, Alan I. (2012). Grand old tea party: partisan polarization and the rise of the tea party movement. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.). **Steep: the precipitous rise of the Tea Party**. Oakland: University of California Press. Disponível em: [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso: 30/01/2020.
- ABRAMOWITZ, Alan I. (2022). The Polarized American Electorate: the rise of partisan-ideological consistency and its consequences. **Political Science Quarterly**, 137 (4): 645-674. Disponível em: [<https://doi.org/10.1002/polq.13388>]. Acesso: 26/04/2023.
- ABRAMOWITZ, Alan I.; MCCOY, Jennifer. (2019). United States: Racial Resentment, Negative Partisanship and Polarization in Trump's America. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, 681 (1): 137-156. Disponível em: [<http://dx.doi.org/10.1177/0002716218811309>]. Acesso: 26/04/2023.
- ABRAMOWITZ, Alan I.; WEBSTER, Steven. (2015). The rise of negative partisanship and the nationalization of U.S. elections in the 21st century. **Electoral Studies**, 41 (1): 12-22. Disponível em: [<http://dx.doi.org/10.1016/j.electstud.2015.11.001>]. Acesso: 26/04/2023.
- ACHEN, Christopher H.; BARTELS, Larry M. (2016). **Democracy for realists: why elections do not produce responsive government**. Princeton: Princeton University Press.
- ASHBEE, Edward. (2019). Patrick J. Buchanan and the Death of the West. In SEDGWICK, Mark (ed.). **Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy**. Londres: Oxford University Press.

- BARTEE, Seth. (2019). Paul Gottfried and Paleoconservatism. In SEDGWICK, Mark (ed.). **Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy**. Londres: Oxford University Press.
- BEACH, Derek; PEDERSEN, Rasmus B. (2013). **Process-tracing methods: foundation and guidelines**. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. (2018). **Network propaganda: manipulation, disinformation and radicalization in American politics**. Nova Iorque: Oxford University Press.
- BURGHART, Devin. (2012). View from the top: report on six national tea party organizations. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.). **Steep: the precipitous rise of the Tea Party**. Los Angeles: University of California Press. Disponível em: [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso: 30/01/2020.
- CONLEY, Brian. (2018). Thinking what he says: market research and the making of Donald Trump's 2016 presidential campaign. In GILLIES, Jamie (ed.). **Political Marketing in the 2016 U.S. Presidential Election**. Cham: Palgrave Macmillan.
- DONOVAN, Todd; REDLAWSK, David. (2018). Donald Trump and right-wing populists in comparative perspective. **Journal of Elections, Public Opinion and Parties**, 28 (2): 190-207. Disponível em: [<https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1441844>]. Acesso: 07/11/2019.
- DROLET, Jean-François; WILLIAMS, Michael C. (2019). America first: paleoconservatism and the ideological struggle for the American right. **Journal of Political Ideologies**, 25 (1), 28-50. Disponível em [<https://doi.org/10.1080/13569317.2020.1699717>]. Acesso em 28/04/2023.
- FUKUYAMA, Francis. (2018). **Identity: the demand for dignity and the politics of resentment**. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux.
- GREEN, Joshua. (2017). **Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Nationalist Uprising**. Londres: Penguin Books.
- GROSSMAN, Matthew; HOPKINS, David A. (2016). **Asymmetric politics: ideological republicans and group interest democrats**. Nova Iorque: Oxford University Press.
- HAWLEY, George. (2017). **Making sense of the alt-right**. Nova Iorque: Columbia University Press.
- IYENGAR, Shanto. (2016). *E Pluribus Pluribus*, or Divided We Stand. **Public Opinion Quarterly**, 80 (1): 219-224. Disponível em: [<https://doi.org/10.1093/poq/nfv084>]. Acesso: 07/01/2020.
- JACOBSON, Gary C. (2016). Polarization, gridlock, and presidential campaign politics in 2016. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, 667 (1): 226-246. Disponível em: [<https://doi.org/10.1177/0002716216658921>]. Acesso: 07/01/2020.
- JÜPSKAS, Anders R.; LEIDIG, Eviane. (2020). **Knowing what's (far) right: a compendium**. Oslo: Center for Research on Extremism.
- LO, Clarence Y. H. (2012). Astroturf versus Grass Roots: scenes from early tea party mobilization. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.). **Steep: the precipitous**

- rise of the tea party.** Los Angeles: University of California Press. Disponível em: [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso: 30/01/2020.
- LYONS, Matthew N. (2017). **CTRL-ALT-DELETE: the origins and ideology of the Alternative Right.** **Political Research Associates.** Disponível em: [<http://www.politicalresearch.org/2017/01/20/ctrl-alt-delete-report-on-the-alternative-right/>]. Acesso: 23/10/2019
- MACWILLIAMS, Matthew C. (2016). Who decides when the party doesn't? Authoritarian voters and the rise of Donald Trump. **PS: Political Science & Politics**, 49 (4): 716-721. Disponível em: [<https://doi.org/10.1017/S1049096516001463>]. Acesso em 14/01/2021.
- MAXWELL, Angie; PARENT, Wayne. (2012). The Obama Trigger: presidential approval and tea party membership. **Social Science Quarterly**, 93 (5): 1384-1401. Disponível em: [<https://doi.org/10.1111/j.1540-6237.2012.00907.x>]. Acesso: 28/04/2023.
- MONTGOMERY, Peter. (2012). The tea party and the religious right movements: frenemies with benefits. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.). **Steep: the precipitous rise of the tea party.** Los Angeles: University of California Press. Disponível em: [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso: 30/01/2020.
- MUDDE, Cas. (2000). **The ideology of the extreme right.** Manchester: Manchester University Press.
- MUDDE, Cas. (2018). **The far right in America.** Londres: Routledge.
- NASH, George H. (1996). **The conservative intellectual movement in America since 1945.** Nova Iorque: Basic Books.
- NEIWERT, David. (2017). **Alt-America: the rise of the radical right in the age of Trump.** Nova Iorque: Verso.
- NELSON, Anne. (2019). **Shadow network: media, money and the secret hub of the radical right.** Nova Iorque: Bloomsbury Publishing.
- PHAM, Vicent N. (2015). Our foreign president Barack Obama: the racial logics of birther discourses. **Journal of International and Intercultural Communication**, 8 (2): 86-107. Disponível em: [<http://dx.doi.org/10.1080/17513057.2015.1025327>]. Acesso: 27/01/2020.
- PIERCE, Douglas R; LAU, Richard R. (2019). Polarization and correct voting in U.S. presidential elections. **Electoral Studies**, 60: 102048. Disponível em: [<https://doi.org/10.1016/j.electstud.2019.102048>]. Acesso: 14/01/2020.
- RUDOLPH, Thomas. (2019). Populist anger, Donald Trump, and the 2016 election. **Journal of Elections, Public Opinion and Parties**, 31 (1): 33-58. Disponível em: [<https://doi.org/10.1080/17457289.2019.1582532>]. Acesso: 14/01/2020.
- SHOR, Boris; MCCARTY, Nolan. (2022). Two decades of polarization in American State Legislatures. **Journal of Political Institutions and Political Economy**, 3: 343-370. Disponível em: [https://research.bshor.com/publication/polarization_2decades/polarization_2decades.pdf]. Acesso: 28/04/2023.
- SKOCPOL, Theda; WILLIAMSON, Vanessa. (2012). **The tea party and the remaking of republican conservatism.** Nova Iorque: Oxford University Press.

TARROW, Sidney. (2021). **Movements and parties: critical connections in American political development**. Nova Iorque: Cambridge University Press.

TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence. (2012). The rise of the *Tea Party*. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.). **Steep: the precipitous rise of the Tea Party**. Los Angeles: University of California Press. Disponível em: [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso: 30/01/2020.

WEBSTER, Steven W. (2020). **American rage: how anger shapes our politics**. Cambridge: Cambridge University Press.